

## Três cidades mineiras comemoram tricentenário de elevação à condição de vilas reais

Confira na página 09



Ainda hoje, Mariana, Ouro Preto e Sabará mantêm seus casarios, igrejas e traçados urbanos que recontam a origem e o desenvolvimento da sociedade que ali se organizava

Entrevista: Diretora de Fomento e Articulação do Iphan fala sobre trabalho para ampliar o acesso ao patrimônio cultural brasileiro

páginas 06 e 07

Relógios de Sol, antigos objetos usados para medir o tempo, têm diversos exemplares em Minas Gerais

página 04

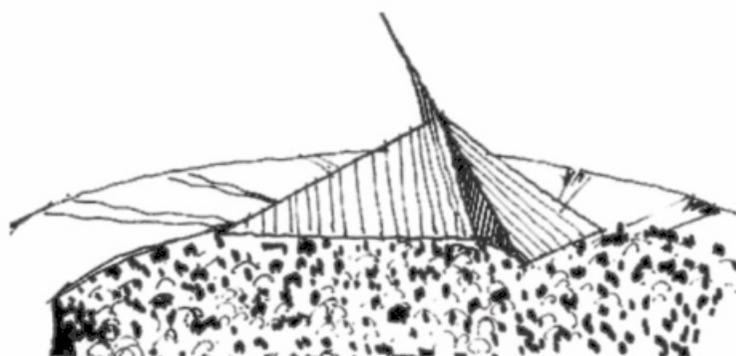


PEQUENOS OLHARES  
SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?



Confira na página 08



Croqui do relógio de sol instalado na Savassi, em Belo Horizonte

Impresso  
Especial

7397091256-DR/MG  
IEPHA/MG

...CORREIOS...



## Palavra do presidente

fernando.cabral@iepha.mg.gov.br

### Jornada Mineira do Patrimônio Cultural e a nossa missão de proteger toda Minas Gerais

**C**omeça no dia 1º de setembro, a 3ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, que durante todo o mês vai movimentar 567 municípios de Minas Gerais, com iniciativas de valorização, divulgação e preservação de nosso patrimônio, tanto o material quanto o imaterial. São seminários, festivais, aberturas de prédios históricos à visitação, apresentações de grupos populares, ações educativas destinadas a variados públicos, entre tantas outras modalidades.

A Jornada Mineira do Patrimônio Cultural se consolida como uma das iniciativas do Iepha, fortalecendo seu propósito de disseminar ações por todas as regiões mineiras, dando capilaridade ao Instituto, por meio de grande interatividade entre profissionais, instituições etc.

Todos sabem da grandiosidade que é o nosso patrimônio. Assim, é preciso nos unir e fazer uma corrente para otimizarmos nossos esforços. Acredito que o momento é agora, quando estamos frente ao desafio de concretizar as ações do Programa Minas Patrimônio Vivo.

Fernando Viana Cabral

*Nossa missão é garantir à sociedade a acessibilidade e a fruição do patrimônio cultural, por meio da preservação, valorizando e respeitando a diversidade cultural de Minas Gerais.*

## Peças Desaparecidas

**A** imagem de Nossa Senhora do Parto pertence ao acervo da Igreja Matriz de Santa Cruz, em Chapada do Norte, tombada pelo Iepha. A peça, em madeira policromada, é de meados do século 17. Suas medidas são: 61 cm de altura, 25 cm de largura e 22 cm de profundidade.

O bem foi furtado em setembro de 1980, juntamente com outras sete imagens e uma cruz processional.

Informações pelo telefone (31) 3235-2800 ou pelo faleconosco no site do Iepha/MG.



Divulgação

## Expediente

### GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Antônio Augusto Anastasia

Vice-governador: Alberto Pinto Coelho

### SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Secretária: Eliane Parreiras

Secretária adjunta: Maia Olívia de Castro e Oliveira

### INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Presidente: Fernando Viana Cabral

Vice-presidente: Pedrosvaldo Caram Santos

Chefe de Gabinete: Danielle Faria

Diretor de Conservação e Restauração: Renato César J. de Souza

Diretor de Planejamento, Gestão e Finanças: Dirceu Alves Jacome Júnior

Diretora de Proteção e Memória: Angela Maria Ferreira

Diretora de Promoção: Marília Palhares Machado

### BEM INFORMADO – INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Textos e edição: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)

Textos: Érika Santos (MG 012987JP), Ludymila Toledo (MG 11656JP)

Diagramação: Pablo do Prado Soares

Fotos: Izabel Chumbinho

Impressão em papel Reciclado 90g/m<sup>3</sup> - Tiragem: 2.600 exemplares - Periodicidade: mensal

Impressão e acabamento: Rona Editora

## Terceira edição da Jornada do Patrimônio movimentará mês de setembro



**M**inas se prepara para ouvir muitas histórias no mês de setembro. Os mais de 600 municípios e instituições que se inscreveram na terceira edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural adotaram com criatividade o tema proposto - *Quando a minha história conta a história de todos* – nas cerca de 1.100 atividades aprovadas pela Equipe de Coordenação. Desenvolvida pela Secretaria de Estado de Cultura, por meio do Iepha/MG, a Jornada entra em seu terceiro ano consecutivo comemorando os 40 anos de criação da instituição.

O sucesso da Jornada, premiada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan), em 2010, como a melhor ação de divulgação do patrimônio cultural brasileiro, é avaliada pelo presidente do Iepha, Fernando Cabral, como “uma possibilidade de envolvimento da comunidade como um todo, no sentido de fortalecer a cidadania, o comprometimento com a preservação do patrimônio histórico, artístico e arquitetônico de nosso estado”.

Em todas as regiões de Minas Gerais o tema está sendo adotado em diferentes modalidades como exposições, lançamento de livros, registros da memória oral, festivais e rodas de bate papo. Com o apoio institucional do Museu da Pessoa, cuja missão é contribuir para tornar a história de cada pessoa valorizada pela sociedade, a Jornada sugeriu várias atividades que envolvem a reflexão sobre o papel e a atuação dos diversos agentes que são responsáveis pela promoção e valorização do patrimônio cultural e da memória em suas comunidades.

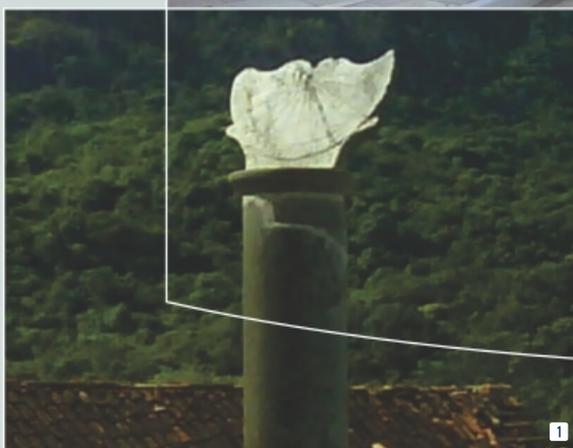
Em Mutum, região do Caparaó, alunos de escolas municipais vão entrevistar moradores antigos, com o objetivo de levantar dados sobre a origem e as heranças culturais da comunidade local. No município de Ibiá, na região do Alto Paranaíba, ícones da história local serão literalmente emoldurados nas ruas, em exposição que vai destacar o histórico dos homenageados e a sua contribuição para o desenvolvimento da cidade. Esses dois municípios são exemplos de proponentes que estão adotando o tema proposto para a 3ª Jornada na realização de seus eventos.

As três ações que mais se destacarem na apropriação do tema, e encaminharem fotografias e reportagens comprovando a sua realização até 04 de outubro de 2011, serão focadas em matéria especial das próximas edições do *Bem Informado*. A ideia é que as propostas inovadoras e criativas sejam reconhecidas e incentivem os municípios e demais instituições a desenvolverem atividades que mobilizem toda a sociedade na defesa do patrimônio cultural.

Para o técnico de gestão, proteção e restauro do Iepha, Adalberto Andrade, a avaliação dos membros da equipe de coordenação da 3ª Jornada é muito positiva: “A equipe aprovou várias atividades desenvolvidas para a proteção da memória e valorização do patrimônio que são eventos que entram de forma definitiva no calendário cultural. Outro fator muito interessante dessa edição foi a abordagem do tema pelos proponentes”.

Esta edição 2011 da Jornada traz mais novidades como o crescimento da participação dos municípios de todo o estado. Para se ter uma ideia, a Região Central, que conta com 97 municípios na regionalização trabalhada pelo Iepha, tem mais de 80% deles participando da Jornada.

# Registros do tempo



Fotos: Acervo Iepha/MG

Considerados os mais antigos objetos usados pelo homem para medir o tempo, os primeiros relógios de sol, como hoje conhecemos, estariam localizados no Egito, há aproximadamente 3500 a.C.. Acredita-se, no entanto, que desde o período paleolítico o homem primitivo já se valia do comprimento de sua própria sombra para compreender o passar do dia e a aproximação da noite.

A partir da projeção da sombra de um ponteiro (gnomon) sobre uma superfície marcada por unidades de medida, esse mecanismo milenar registra a sucessão das horas por meio da visualização do modo como a luz solar incide na terra em diferentes posições.

Com o advento dos modelos mecânicos, os relógios de sol têm hoje uma função muito menos funcional, despertando a curiosidade, e sendo objetos para preservação de memória, decorativos ou instrumentos educativos.

Um dos mais famosos relógios de sol em Minas Gerais está localizado no adro da Matriz de Santo Antônio, em Tiradentes. Datado de 1785, o relógio feito em pedra sabão, pelo português Leandro Gonçalves Chaves, é um importante símbolo da cidade, e suas miniaturas são artigo popular nas lojas de artesanato e de lembranças. Uma particularidade é o fato de ele possuir duas faces para indicar o horário de acordo com a posição do sol; uma durante o inverno e outra no verão.

Outro relógio de sol igualmente antigo é encontrado no pátio interno do claustro do Santuário do Caraça, situado entre os municípios de Catas Altas e Santa Bárbara. Com altura aproximada de 1,5m, o mecanismo só permite ver o tempo

▲ Relógios de sol são atrações encontradas em vários pontos do estado, como na matriz de Santo Antônio, em Tiradentes (1), em rua movimentada da Savassi, em Belo Horizonte (2), no Parque Estadual de Ibitipoca, em Lima Duarte (3), e no Santuário do Caraça, localizado entre os municípios de Santa Bárbara e Catas Altas (4)

marcado entre 9 e 16 horas, por causa dos telhados a seu redor. Sem registros que detalhem sua instalação no local, presume-se que tenha mais de 200 anos, pela semelhança entre suas colunas e as instaladas no corrimão de frente da igreja pelo fundador, Irmão Lourenço.

Em Belo Horizonte, no coração da Savassi, um imenso relógio de sol horizontal, de 12 metros de diâmetro, é uma referência urbana de destaque na esquina da Rua Tomé de Souza com Avenida Cristóvão Colombo. A ideia para o monumento em aço veio junto com o alargamento do passeio, no início da década de 80. O condomínio do Edifício Khronos, ali situado, quis aproveitar o espaço e presentear a cidade com algum tipo de paisagismo, monumento ou escultura. O conceito para o relógio é do arquiteto Júlio Araújo Teixeira que, mesmo sem nunca ter visto pessoalmente um relógio de sol, projetou a peça que marca as horas com incrível precisão. Sua inauguração, em 1985, foi marcada por grande repercussão na imprensa nacional – e até internacional. Além de destaque nas revistas de arquitetura da Europa, a primeira escultura instalada no espaço urbano da Savassi conquistou o prêmio de gentileza urbana de BH e o coração dos beloizontinos que por ali passam diariamente.

Ainda é possível encontrar relógios de sol em diversos outros pontos do estado, como na Câmara Municipal de Santa Luzia, na Prefeitura de Boa Esperança e no Parque Estadual de Ibitipoca, em Lima Duarte, dentre tantos outros.

## Iepha celebra 40 anos de atividades

No próximo mês o Iepha completa 40 anos e diversas ações estão programadas para marcar as comemorações dessas quatro décadas de atuação na preservação e valorização do patrimônio mineiro.

Logo no dia 1º, a secretária de Estado de Cultura, Eliane Parreiras, e o presidente do Iepha, Fernando Cabral, recebem o cantor, percussionista e compositor Carlinhos Brown, para a abertura da 3ª edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural.

Nas quatro semanas seguintes, o patrimônio cultural continua em pauta no *Iepha Discute*, umas das ações de relacionamento do instituto com a sociedade. O programa traz palestras informais com a proposta de contribuir para reflexão e produção de conhecimento sobre patrimônio. No dia 08, a palestrante será a ex-presidente do Iepha e atual coordenadora de Cultura da Unesco no Brasil, Jurema de Souza Machado, que abordará o tema *Perspectivas da Preservação*.

Já no dia 13, o convidado será o coordenador da Promotoria de Justiça de Defesa do Patrimônio Histórico, Cultural e Turístico do Estado de Minas Gerais, Marcos Paulo de Souza Miranda, com o tema *Conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético – Patrimônio Cultural imaterial e Biopirataria*.



No dia 22, com o tema *300 anos de elevação de Ouro Preto a Vila Real*, o palestrante será o prefeito de Ouro Preto e ex-secretário de Estado de Cultura, Angelo Oswaldo de Araújo Santos.

Fechando essa primeira série do *Iepha Discute*, uma edição especial somente para os servidores da casa será realizada no dia 30 – data do aniversário do Instituto. Na ocasião, o pesquisador, ensaísta, poeta e um dos fundadores do instituto, Affonso Ávila, fala sobre a criação da instituição.

No dia 03 de outubro, abrindo oficialmente as festividades, a secretária Eliane Parreiras e o presidente Fernando Cabral fazem o lançamento do selo comemorativo dos 40 anos, durante concerto da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, no Grande Teatro do Palácio das Artes.

Outras ações estão programadas e serão divulgadas no decorrer do ano.

## Arte originária de Portugal ensinada em oficinas



A ideia é que os novos profissionais preencham as vagas oferecidas pelas empresas de construção, restauração e conservação com eficiência, segurança, habilidade e qualificação exigida, preservando, assim, o ofício de calceteiro, que é tombado pelo município.

Um dos instrutores do curso é o mestre português Fernando Fernandes, especialista em confecção de calçadas portuguesas.

### Calçadas em exposição

Até o dia 18 de setembro, moradores de Belo Horizonte e turistas poderão conferir, no Museu de Artes e Ofícios, a exposição *Tatuagens Urbanas* sobre o trabalho de calçadas portuguesas realizadas no Brasil e em Portugal.

A proposta museográfica, assinada pelo arquiteto Chicô Gouvea, é dividida em quatro etapas: Caminho das Pedras, De Portugal para o Mundo, Chegando ao Brasil, Passo a Passo e um módulo interativo. As primeiras partes da mostra remetem o público à história e à elaboração da construção de uma calçada portuguesa. Documentos originais, desenhos, fotografias, moldes, entre outros acervos, ilustram este percurso. Ao final, o visitante tem a oportunidade de interagir com o tema por meio de recursos multimídia.

Durante a abertura, no início de agosto, foi lançado o livro *Tapetes de Pedra*, fruto de uma pesquisa realizada por vários profissionais, entre eles o professor, arquiteto e servidor aposentado do Iphan Altino Caldeira.

Foto: Acervo Iepha/MG

Entre os dias 31 de agosto e 16 de setembro, o Iepha promove um curso para formação de profissionais para a confecção de calçadas portuguesas, espécie de mosaicos feitos em pedra de cores diferentes. A ação é uma parceria com a Secretaria de Estado de Trabalho, a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, a Fundação Municipal de Cultura e o Instituto de Arquitetos do Brasil – seção MG.



## Envolvimento de todos para preservação do patrimônio



**N**esta edição, o Bem Informado conversa com a diretora de Articulação e Fomento do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan), Márcia Rollemberg que, desde 2009, coordena ações e projetos e representa o órgão em instâncias como o Comitê do Fundo Nacional, entre outros. Assistente social e arte educadora pela UnB e especialista em gestão pública pela Unicamp, ela é também vice-presidente do Comitê de Memória do Mundo da Unesco.

Foto: Núbia Selen/Iphan

### Quais as principais ações desenvolvidas pelo Departamento de Articulação e Fomento do Iphan? Como estruturar uma linha de atuação em um país com a diversidade e extensão do Brasil?

O Departamento de Articulação e Fomento do Iphan, criado em maio de 2009, atua nas áreas de documentação, pesquisa, educação, promoção e fomento. A proposta é trabalhar em rede e compartilhar metodologias e tecnologias de informação e comunicação, melhorando o atendimento ao cidadão nos arquivos e bibliotecas da instituição, pelo portal na internet, ampliando cada vez mais o acesso público ao conhecimento sobre o patrimônio cultural brasileiro.

Algumas ações desenvolvidas são tradicionais e merecem destaque como o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, que, desde 1987, reconhece iniciativas exemplares em todo o país, como a Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, premiada em 2010. Também são referência as publicações, pesquisas e ações de formação, os eventos de intercâmbio e promoção e as ações educativas que envolvem toda a instituição, como as superintendências em cada estado, os escritórios técnicos, e as unidades especiais, como o Centro Cultural Paço Imperial no Rio de Janeiro.

Em 2010, fomos responsáveis pela realização da 34ª Reunião do Comitê do Patrimônio Mundial da Unesco, em Brasília. Na ocasião, o Brasil inscreveu mais um bem na Lista do Patrimônio Mundial: a Praça de São Francisco, no município de São Cristovão, em Sergipe. Também no evento foi assinado um Acordo de Cooperação Técnica com a Unesco para criação de um centro de formação para gestores do patrimônio, atualmente denominado Centro Lúcio Costa, no Rio. Realizamos ainda no mesmo ano, o Seminário do Patrimônio Cultural com os

países do Mercosul, em parceria com o MRE-ABC e o II Ciclo do Informe Periódico do Patrimônio Mundial da América do Sul, com gestores do patrimônio mundial desses países. Ainda foi criada uma rede internacional de jovens conectados ao Patrimônio, batizada de Rejupam – Rede Juvenil do Patrimônio – que está ativa e pode ser acessada pelo <http://patrimoniojovem.wordpress.com>

No campo do fomento, o Departamento coordena a análise de projetos que pleiteiam a utilização dos mecanismos de financiamento e incentivo à cultura, previstos na Lei Rouanet. Estamos atualmente contribuindo com a formulação da nova lei, denominada Procultura, que tramita no Congresso Nacional, sobre a utilização dos recursos do Fundo Nacional de Cultura.

### Em julho, o Departamento realizou, em Ouro Preto, o II Encontro Nacional de Educação Patrimonial. Qual sua avaliação do encontro?

O II Encontro Nacional de Educação Patrimonial realizado no Festival de Inverno, em Ouro Preto, foi muito motivador. Primeiro, inaugurou a curadoria de patrimônio cultural no festival, e fortaleceu a parceria do Iphan em Minas Gerais com a Ufop e Prefeitura. Outro ponto forte foi a representatividade e qualidade da participação, que resultou em um documento final com importantes diretrizes pactuadas e terá como consequência o estabelecimento, ainda nesse semestre, de normativas nesse campo.

O Encontro contou com a presença do presidente do Iphan, do coordenador do Programa Mais Educação do MEC, de gestores do MinC, Ibram, da ETELF de MG e de secretários municipais de educação e de cultura, e convidados gestores e especialistas que apresentaram contribuições ao debate. Foram cerca de 240 pessoas. Dessa forma, a legitimidade das decisões e do documento final foi muito importante e pactuou a consolidação da Rede Nacional de Educação Patrimonial.

As ações educativas são essenciais para o sucesso da Política Nacional de Patrimônio Cultural no Brasil, porque estimulam a participação da população na identificação, na proteção e valorização do patrimônio cultural, contribuindo para a comunicação entre os atores envolvidos e para a colaboração de iniciativas e de capacidades.

Importante também dizer que duas parcerias fundamentais estão acontecendo com o Ministério da Educação, presente no Encontro. A Educação patrimonial foi incorporada como uma atividade do Programa Mais Educação, que visa qualificar a educação, ampliar sua oferta e integrar as instituições e comunidades nos chamados itinerários formativos. Envolve a participação das casas do patrimônio, com o acesso aos sítios históricos, às paisagens culturais, aos bens e sítios arqueológicos. Envolve enfim, as ricas possibilidades de conhecer e, por muitas vezes, se reconhecer, nas celebrações e festas populares, nos modos de viver e de fazer das comunidades tradicionais, colaborando assim para a construção do conceito de cidade educadora. A outra parceria, iniciada em 2009, é com o Programa de Extensão (Proext) do MEC, desenvolvido junto às universidades de todo o Brasil. Este ano, R\$ 6,8 milhões foram investidos em patrimônio cultural, possibilitando a seleção e financiamento de projetos na área.

### **Como tem sido a experiência das Casas do Patrimônio?**

A implantação das Casas do Patrimônio é um compromisso para transformar em parcerias as unidades do Iphan em cada estado e instituições da sociedade civil, em espaços que tenham serviços de informação, ações educativas e meios de participação da população residente, estudantes, professores e turistas em uma perspectiva de diálogo e reflexão, e de construção coletiva do processo de reconhecimento e valorização da memória e patrimônio de cada localidade.

A proposta se fundamenta na necessidade de estabelecer novas formas de relacionamento do Iphan com a sociedade e com o poder público em suas diferentes instâncias. Além de informar e dialogar sobre as atividades e rotinas administrativas da instituição, devem ser enfatizadas as ações de qualificação e capacitação de agentes públicos e da sociedade civil e de promoção do patrimônio cultural como um dos pilares do desenvolvimento sustentável, capaz de gerar renda e oportunidades econômicas para a população.

As Casas do Patrimônio visam atuar de maneira articulada com outras políticas públicas, especialmente aquelas promovidas pelos Ministérios da Educação, Cultura, Cidades, Justiça, Turismo e Meio Ambiente, bem como pelas gestões estaduais e municipais. Entre as Casas já implementadas, cito as Casas de Iguapé (SP), em parceria com a prefeitura, a da Chapada do Araripe (Nova Olinda, CE) em parceria com a Fundação Casa Grande, a de João Pessoa (PB), em parceria com a prefeitura; a Casa da Baronesa em Ouro Preto (MG), em parceria com a Ufop e Faop, e a sede do Iphan em Recife, em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco. Estão em fase de implantação outras Casas em mais de 16 cidades. As instituições estão também atuando na já conhecida Rede das Casas do Patrimônio, que pode ser acessada também no Blog <http://educacaopatrimonial.wordpress.com>

### **Até o final desse ano, o Iphan vai realizar o II Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, em João Pessoa, na Paraíba. Qual será o foco da discussão?**

Desde 2007, o Iphan vem empreendendo esforços para a construção do Sistema Nacional do Patrimônio Cultural, coordenando a realização de diversas ações na área de gestão do patrimônio cultural. Como parte desse processo, o Iphan realizou em dezembro de 2009, na cidade de Ouro Preto, o I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural.

O objetivo foi a discussão, reflexão, construção e avaliação conjunta da Política Nacional do Patrimônio Cultural. O evento contou com a participação de pessoas ligadas à preservação do patrimônio cultural e ao desenvolvimento social: gestores, pesquisadores, profissionais, estudantes, representantes de entidades e instituições atuantes nessas áreas.

Uma resolução do Fórum foi a de que ele seria bienal. Então, está previsto para final de outubro de 2011 o II Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, em João Pessoa, para continuar esse processo de construção e, principalmente, para dar à sociedade a devolutiva das ações que foram recomendadas como prioritárias pelo I FNPC e as ações que foram efetivamente desenvolvidas.

Somente com a participação social poderemos avançar para ampliar a legitimidade e a importância do trabalho desenvolvido em prol do patrimônio, que, segundo a Constituição, é responsabilidade do estado e da sociedade, do gestor, do empresário, do morador, das autoridades religiosas, enfim de todos que reconhecem o potencial que a memória e identidade podem trazer para compreensão do país, para a qualidade de vida das cidades e comunidades e para o projeto de futuro do país que queremos construir.

### **O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade está em sua 24ª edição. No decorrer desse tempo, qual o retrato que a senhora faz da evolução das ações desenvolvidas para proteção do patrimônio?**

Estamos trabalhando para aperfeiçoar o prêmio. O importante é que essa rede de iniciativas reconhecidas como exemplares seja parceria permanente da instituição. Não pode ser uma ação pontual e, sendo assim, já foi realizada uma pesquisa de todas as edições. O projeto quer dar visibilidade às experiências que são referências, facilitando o contato, a efetivação de parcerias e o permanente intercâmbio entre os atores.

O Iphan tem um papel muito importante de articular os premiados e potencializar o trabalho em curso realizado por essas instituições e grupos convidando-os a compartilhar conhecimento, atuar em sinergia com esse momento em que há uma construção mais participativa da política de Patrimônio no país.

### **A Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, que conta com apoio do Iphan, busca a valorização do patrimônio cultural por meio da realização simultânea de eventos por toda Minas Gerais. Como a senhora vê a iniciativa?**

Essa iniciativa foi reconhecida em 2010, vencedora da categoria Divulgação (na edição de 2011 denominada Promoção e Comunicação). Existem iniciativas similares no Rio Grande do Sul, Pernambuco, e em outros estados, com realização de uma semana de atividades diversas como eventos, exposições, feiras de artesanato, apresentações culturais, roteiros de visitas etc. Algumas ocorrem relacionadas ao Dia Nacional do Patrimônio, 17 de agosto, data de nascimento de Rodrigo Melo Franco, fundador do Iphan – aliás, dia também que ingressei no Iphan, o que pessoalmente acho uma sincronia de muito significado.

Diante dos resultados, em especial de Minas Gerais – que tem a percepção da importância do patrimônio cultural, com vários bens reconhecidos, e da necessidade de trazer para o cotidiano a importância da nossa memória, das identidades culturais –, a meta é motivar todo o país para a realização de uma Jornada Nacional do Patrimônio Cultural, a exemplo da Semana de Ciência e Tecnologia, com o envolvimento dos governos dos estados, municípios, universidades e sociedade. O Brasil também tem que se unir em torno do que o faz ser Brasil. Estamos falando da alma do país, dos nossos valores. Estamos trabalhando pela valorização de nossas tradições, nossas riquezas e, principalmente, pelo direito das atuais e das futuras gerações. Desde já, Minas Gerais está convidada para essa empreitada nacional.



## PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

Palácio da Justiça Rodrigues Campos – Belo Horizonte

O detalhe do Pequeno Olhar deste mês está na fachada do Palácio da Justiça Rodrigues Campos, em Belo Horizonte. A fachada é decorada com alegorias da Justiça em estuque, assinadas por João Morandi.

A balança de dois pratos é um dos símbolos da Justiça, juntamente com a espada e a mulher de olhos vendados. A balança em perfeito equilíbrio sugere que a Justiça, em princípio, não pende para nenhum dos lados. Os autos, a acusação e a defesa é que fazem ela pender para um lado ou outro lado.

O símbolo também está presente na doutrina ética de muitas religiões. Após a morte, ocorreria um julgamento que decide sobre o peso das boas e das más ações realizadas na terra, a exemplo dos egípcios antigos que acreditavam que o coração do morto era pesado pela deusa da Justiça para decidir seu futuro. Também os persas e tibetanos acreditavam nessa pesagem. No cristianismo, a balança é símbolo e atributo do juiz universal no fim dos tempos. Ele decide, com o instrumento de pesagem, se aquele que se encontra à sua frente, deve ser designado ao paraíso do céu ou aos tormentos eternos do inferno.

A edificação do Palácio da Justiça foi construída entre 1909 e 1913, a partir de projeto do engenheiro José Dantas. O prédio, em estilo neoclássico, mantém praticamente intacto quase todo seu plano original.



Foto: Acervo Iepha/MG



## BLOCO DE NOTAS

### Barão do Rio Branco em obras

Perto de completar 100 anos, a Escola Estadual Barão do Rio Branco, em Belo Horizonte, se despediu temporariamente de seus alunos enquanto passa por extensas obras de restauração para resgatar suas características originais.

Sede do primeiro grupo escolar da Nova Capital, o Barão do Rio Branco foi construído entre 1911 e 1913 e tombado pelo Iepha em 1988. Típica construção dos grupos escolares do início do século 20, a edificação assinada por Jayme Salse apresenta características do ecletismo.

A estimativa da Secretaria de Estado de Educação é de que serão investidos cerca de R\$ 4,5 milhões na recuperação dos pisos, fachadas, portas e janelas, modernização das redes hidráulica e elétrica, instalação de pára-raios e adequação da estrutura da escola às normas de acessibilidade. A intervenção deve seguir os moldes da reforma concluída em fevereiro do ano passado, na Escola Estadual Pedro II, também na capital. Todo o trabalho será acompanhado pelo Iepha.

### 1ª reunião extraordinária do Conep em 2011

Os membros do Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (Conep) se reúnem em 25 de agosto para, entre outros assuntos, discutir o parecer sobre a nova deliberação do ICMS Patrimônio Cultural e definir sobre o tombamento definitivo do Registro do Paraibuna, em Simão Pereira.

### Iphan premia *Bem Cultural*

O programa da Rede Minas, *Bem Cultural*, foi a ação vencedora da etapa estadual da 24ª edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), na categoria Promoção e Comunicação. Com consultoria e pesquisa do funcionário do Iepha, Jason Barroso Santa Rosa, o programa propõe, por meio de documentários, uma reflexão sobre o patrimônio cultural mineiro nas mais variadas celebrações, formas de expressão, saberes e lugares de Minas Gerais.

Além de condecoração e certificado, a premiação estadual classifica o Bem Cultural para representar Minas na etapa nacional do prêmio, em Brasília.

### Patrimônio de Minas na internet

O patrimônio mineiro já possui um endereço na internet, trata-se do Portal do Patrimônio (<http://www.portaldopatrimoniocultural.com.br>).

O Portal foi criado para reunir as iniciativas de Inventário de Bens Culturais produzidas em Minas Gerais, disponibilizando-as aos pesquisadores da cultura mineira. Os dados levantados pelos municípios são cadastrados no site, em fichas com uma descrição sucinta do bem inventariado, constando informações básicas quanto a sua importância, histórico, características gerais e estados de conservação e preservação; acompanhadas de fotografias, mapas ou vídeos.

# Primeiras vilas do ouro comemoram tricentenário



⬆ Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto

Entre abril e julho deste ano, três cidades mineiras comemoraram seus 300 anos de elevação à condição de vilas, em 1711. Eventos diversos marcaram a ocasião e lembraram essa longa história iniciada em meados do século 16, quando expedições bandeirantes desbravavam as terras mineiras em busca da concretização do sonho português de encontrar seu eldorado no além-mar.

Em pouco tempo, as comitivas encontraram abundantes jazidas nas mais diversas regiões, e uma verdadeira corrida do ouro marcou o início de um dos mais importantes ciclos econômicos do país. Ao mesmo tempo, o direito de exploração das recém-descobertas jazidas deu origem a diversos conflitos e demonstrou a fragilidade do controle real português. Logo após o fim da Guerra dos Emboabas, em 1809, a Coroa reforçou sua presença com a criação da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro. Em 1711, determinou a seu primeiro governador, Antônio de Albuquerque, que ali instalasse os primeiros três núcleos urbanos oficiais: Vila de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo (atual Mariana), Vila Rica (Ouro Preto) e a Vila de Nossa Senhora de Sabará (Sabará).

Ainda hoje essas primeiras vilas são testemunhos visíveis da história. Marcadas pelos acontecimentos, mantiveram preservado um rico patrimônio edificado, com suas igrejas, casarões e o traçado urbano que reconta a origem e desenvolvimento da sociedade que ali se organizava. Sobrevivem também as tradições orais, as festividades e toda a religiosidade que se tornou marca do povo mineiro ao longo dos séculos.

## Ouro Preto

O arraial que deu origem à Vila Rica teve formação iniciada com a chegada das bandeiras de Antônio Dias e padre João de Faria Fialho, em 1698. Elevada à vila em 1711, foi escolhida para capital da nova capitania de Minas Gerais em 1720, permanecendo até a inauguração de Belo Horizonte, em 1897.

Ouro Preto está entre as cidades mineiras que melhor conseguiu manter uma antiga imagem setecentista, conservando-se como um dos exemplares mais autênticos da civilização urbana implantada pelos colonizadores portugueses. Dentre os muitos destaques de seu patrimônio bem preservado estão a Matriz de Nossa Senhora do Pilar (de 1712) e a Igreja de São Francisco de Assis, além da Casa de Câmara e Cadeia, que hoje abriga o Museu da Inconfidência, dentre tantos outros. A Casa de Ópera, construída em 1770, é hoje o mais antigo teatro em funcionamento da América Latina.

Seu conjunto histórico foi tombado pelo Iphan em 1938 e Ouro Preto tornou-se a primeira cidade brasileira a ser declarada Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela Unesco, no ano de 1980. Atualmente abriga mais de 50 bens com tombamento em pelo menos uma entre as esferas municipal, estadual e federal.

## Sabará

O povoamento do antigo arraial de Sabarabuçu tem origem em 1674, com a chegada da comitiva de Borba Gato às margens do Rio das Velhas, onde o ouro de aluvião era abundante.

Sabará possui ainda hoje diversos trechos históricos preservados, especialmente no centro da cidade, onde ainda encontramos alguns casarões, especialmente do século 19. A cidade guarda ainda vários antigos chafarizes e um dos mais notáveis acervos de igrejas setecentistas de Minas, como a Matriz de Nossa Senhora da Conceição (1710), a Capela de Nossa Senhora do Rosário, inacabada por escravos em 1713, e a Capela de Nossa Senhora do Ó (1717), uma das mais representativas do barroco mineiro. São 47 bens tombados, sendo três em nível estadual, 19 no federal e outros tantos com proteção municipal.

## Mariana

Primeira Vila da Ouro, levava o nome oficial de “Leal Vila de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo de Albuquerque” e foi também nomeada primeira capital das Minas. Logo em 1745, foi elevada à categoria de cidade, tendo permanecido a única da capitania durante todo o século 18. Enquanto Ouro Preto tornou-se a sede burocrática da capitania, Mariana ocupava alto status eclesiástico, como sede do primeiro bispado, e cresceu impulsionada pelos ares do desenvolvimento.

Com o passar dos séculos, os embates entre expansão urbana e pressão para renovação da estrutura predial se resolveu com a criação da Cidade Nova, garantindo a preservação da tradição arquitetônica do centro histórico. Entre os destaques estão a Rua Direita e seu casario preservado, a Catedral da Sé e a Praça de Minas Gerais, onde se encontram três importantes monumentos históricos da cidade: antiga Casa da Câmara e Cadeia, Igreja São Francisco de Assis e Igreja Nossa Senhora do Carmo.

# Descrição iconográfica: diante da lacuna do documento a fala do objeto

\* Ana Martins Panisset

Segundo Réau, a palavra iconografia em sua origem etimológica – eikon, imagem, e graphein, descrever – significa a descrição de imagens. Iconografia seria o estudo descritivo da representação visual de símbolos e imagens, tal como se apresentam nas obras de arte. Porém uma análise iconográfica não deve se limitar à descrição das imagens, mas também à sua classificação e interpretação, principalmente no que concerne à arte cristã.

Conforme Panofsky, a "iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma". A análise iconográfica requer uma familiaridade com conceitos e temas específicos.

Myriam Oliveira esclarece que, a partir do século 12, as características gerais da iconografia dos santos passaram a ser estabelecidas nas cerimônias de canonização. Atributos de uso geral foram criados como identificadores da classe integrada por cada santo, atributos específicos referentes a passagens na vida de cada santo definiam sua individualidade e outros foram sendo acrescentados ao modelo oficial pela devoção popular.

Para o procedimento de identificação das imagens são necessárias uma avaliação e uma interpretação que devem levar em conta: as características fisionômicas e anatômicas, a indumentária, os atributos coletivos e os individuais.

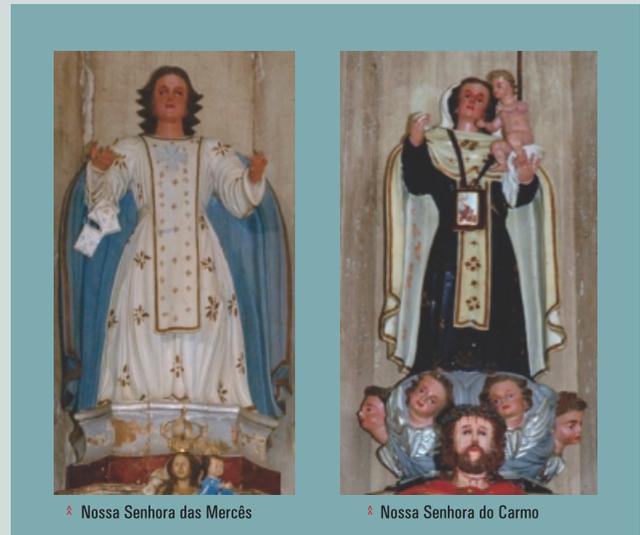
Esse processo de identificação pode ser mais complexo ou de interpretação controversa, quando as imagens perdem os atributos ou o artista não executa a imagem com o rigor necessário. Há ainda o caso de troca de atributos de que resultam equívocos de interpretação. É importante, portanto, que se faça uma análise cautelosa antes de tomar decisões, ou então somente designar a ordem, grupo ou algo identificável na imagem estudada.

Para que a iconografia seja identificada de forma correta, é necessário proceder a um levantamento bibliográfico. As referências bibliográficas se constituem aqui em dicionários iconográficos e hagiográficos, artigos e estudos sobre a iconografia dos santos no Brasil, assim como livros com referências fotográficas de acervos constituídos de esculturas religiosas para estudo comparativo.

Devem ser realizadas as atividades de compilação dos dados iconográficos de cada santo: pesquisa das diversas formas de representação e de todos os atributos e características dos santos estudados.

Outra forma de validar a pesquisa iconográfica é a comparação visual com as imagens já identificadas em diversas publicações. Tornando assim possível formar um repertório visual comparativo das representações encontradas com aquelas já designadas por especialistas.

Dentre as obras bibliográficas especializadas em iconografia religiosa são percebidas algumas divergências. De um lado, há a visão dos autores religiosos e, de outro, os especialistas; nota-se também alguns desencontros entre autores latino-americanos e europeus.



\* Nossa Senhora das Mercês

\* Nossa Senhora do Carmo

As representações dos santos, em sua maioria, sofreram transformação iconográfica, sobretudo devido à regionalização das devoções. Enfatizamos a diferença encontrada entre as representações mais eruditas, que seguem fielmente os modelos apontados pela "oficial" iconografia cristã, e aquelas mais populares, que sofrem a interferência de diversas questões: a falta de modelos originais, a imaginação dos artistas e falta de apuro técnico, a simplificação das formas e iconografias, assim como as lendas populares e regionais sobre a vida de cada santo.

Um fato importante a ser destacado é que, diante da lacuna do documento, "a iconografia é de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores."

Por ser um fator intrínseco ao objeto, a iconografia caracteriza-se colaborador fundamental para sua identificação. As características composicionais e iconográficas são qualificações e propriedades inerentes à obra de arte. Uma observação iconográfica sujeita a uma interpretação e identificação escrupulosa pode nos proporcionar um correto estabelecimento de datação, origem e muitas vezes a autoria da obra de arte.

\* Gerente de Elementos Artísticos do Iepha/MG

Confira o texto na íntegra no site do Iepha

<sup>1</sup> RÉAU, Louis. Iconografia da arte cristã. In: A pintura textos essenciais: descrição e interpretação. v. 8. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 66 - 82.

<sup>2</sup> PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte na Renascença. In: \_\_\_\_\_. Significado nas Artes Visuais. 2. ed., São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 47. (Debates Arte, 99).

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A imagem religiosa no Brasil. In: Arte Barroca. Mostra do Redescobrimto: Brasil 500 anos. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000, 264 p. Catálogo de exposição, 23 abr. - 7 set. 2000, Parque do Ibirapuera, São Paulo.

## Igreja Matriz, em Oliveira

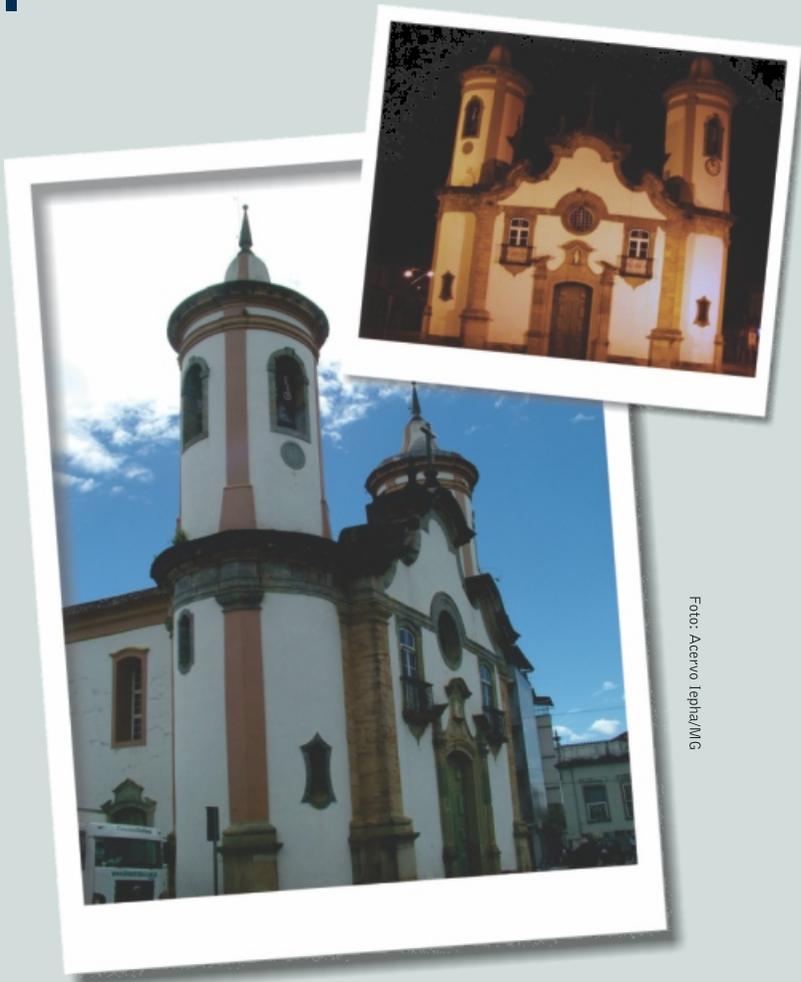


Foto: Acervo Iepha/MIG

A Igreja Matriz Nossa Senhora de Oliveira é o mais precioso patrimônio histórico, artístico e arquitetônico do município de Oliveira, a 147 quilômetros da capital. Os alicerces de sua primitiva edificação foram lançados pelos desbravadores no início do século 18, período das expedições bandeiristas que, em busca do ouro e das pedras preciosas, expandiam o povoamento das terras mineiras.

A construção da Matriz durou aproximadamente 60 anos, desde a conclusão da nave, em 1790, até o término das torres e do consistório (sala onde se reúne a irmandade) na década de 40 do século seguinte. Por volta de 1780, a primitiva capela estava em avançado estado de degradação e não comportava mais o crescente número de fiéis. O padre Miguel Ribeiro da Silva, que servia como capelão, buscou auxílio entre os moradores para construir uma nova edificação, cujas obras começaram em 1785.

Cinco anos depois, a nave já havia sido construída. Um cemitério foi instalado no adro da igreja – local atualmente ocupado por uma praça – sendo transferido, em 1840, para outro local. Os mais abastados eram enterrados no interior da edificação e os outros na parte externa.

A Irmandade do Santíssimo, criada em 1848, construiu as torres e o consistório, bem como recuperou o frontispício, que estava em estado de ruína. Mais tarde o adro foi calçado. Nesta mesma ocasião, por volta de 1851, os membros do Santíssimo solicitaram o privilégio de serem enterrados no interior da igreja.

Segundo os livros da irmandade, em 1856 foi concluída a construção da última torre e, no ano seguinte, o frontispício foi finalizado. Foi nesse mesmo ano que, provavelmente, foi gravado o versículo *Quase Oliva speciosa in campis* (como uma bela oliveira no campo) aos pés do nicho onde se encontra uma imagem de Nossa Senhora.

Os sinos são datados de 1861 e 1864 e foram fundidos na própria cidade. Segundo antigos moradores, o sino do Santíssimo Sacramento, ou “sino grande”, como é conhecido, possuía um som forte e bonito “devido ao ouro que foi misturado ao bronze quando da fundição”.

Em 1880 o templo ameaçou ruir, devido a intervenções inadequadas que comprometeram a construção. Pequenas obras foram realizadas, mas 39 anos depois foi constatado um abalo na parede lateral esquerda, que já apresentava sensível afastamento do prumo. A torre estava pendida e a cumeeira estava abalada.

Os custos para recuperação seriam altos e por isso se cogitou a demolição do templo. A decisão entre recuperar ou demolir a igreja gerou grande polêmica. Houve quem realmente acreditasse ser mais sensata sua demolição e a construção de uma nova igreja com características mais modernas. Venceu os que queriam o resgate da construção.

A partir de 1988 foram realizados os mais importantes trabalhos de restauração da igreja, resgatando o que era autêntico e retirando intervenções inadequadas. Com o empenho de toda a comunidade, órgãos públicos e empresas privadas, a Matriz, após dez anos de restauração, ressurgiu em 1998, com seu conjunto artístico e arquitetônico quase totalmente revitalizado e preservado.

### Estilo arquitetônico

A Igreja Matriz de Nossa Senhora de Oliveira carrega as características das principais igrejas barrocas de Minas. Porém o longo período de sua construção comporta fases distintas da evolução estilística das igrejas coloniais. Apresenta nave, ladeada por duas torres de plantas circulares, capela-mor com dois corredores laterais, sacristia atrás do retábulo-mor e, aos fundos, capela do Santíssimo, com acesso pelo corredor lateral esquerdo, e consistório com entrada pelo outro corredor.

Na torre da esquerda funciona um relógio, Pêndulo Fluminense, originário do Rio de Janeiro, com maquinário de peso interno e metal esmaltado externo; na outra torre, o relógio desenhado sobre mármore é apenas ornamental. O nicho superior da portada guarda uma imagem de Nossa Senhora de Oliveira com o Menino Jesus. A imagem original perdeu-se e a atual foi confeccionada em Carmópolis.

Referência:

Dossiê de Tombamento da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Oliveira – Oliveira (MG)



Na simbologia cristã, a oliveira significa misericórdia; o seu óleo representa a graça de Deus. Na Bíblia, Maria é comparada à oliveira frondosa dos campos.



## Outras devoções: A fé e a oração não direcionadas pelos concílios

Ailton Batista da Silva\*

A certeza de ser atendido na hora da aflição conduz o povo a pedir socorro, implorar às pessoas especiais, iluminadas, que também na sua passagem pela vida terrena sofreram dificuldades, humilhações, angústias e sofrimentos semelhantes aos momentos vividos por seus devotos. Assim o povo recorre a esses seres para orientar, consolar e superar os obstáculos muitas vezes vistos como intransponíveis. Tal é o caso da Escrava Anastácia.

“A benção de Anastácia, Guerreira de Bantu /Anastácio. Guerreira de Bantu /Rainha Mãe Anastácia. Guerreira Rainha. Vou pedindo pro céu. Vou pedindo pro sol. Vou pedindo pro mar. Que Deus te ilumine”

Trazida da África, em um navio negreiro, Delmira, mãe de Anastácia, era uma figura exótica, jovem e bonita. Deixada no mercado de escravos do Rio de Janeiro, despertou o interesse sexual dos senhores brancos. Logo foi arrematada, violada e gerou Anastácia, que nasceu no dia 12 de maio de 1720, em Pompéu, Minas Gerais e recebeu o nome de Eyin.

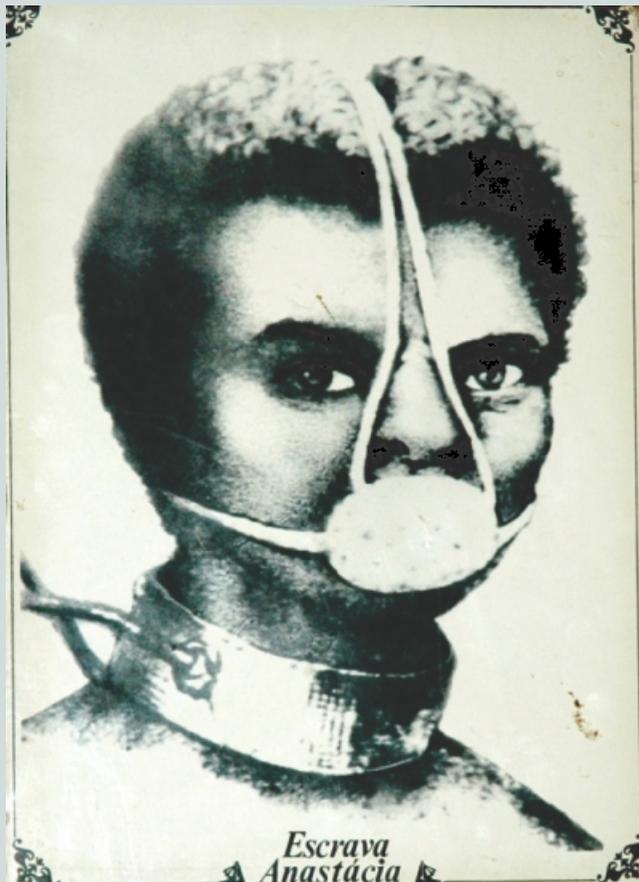
Anastácia herdou grandes olhos azuis do pai branco e toda beleza, a cor negra de e o poder de ajudar e auxiliar doentes de sua mãe. Com suas mãos, acredita-se, realizava verdadeiros milagres.

Anastácia foi violentada e perseguida por um dos filhos do feitor da fazenda onde trabalhava, que tinha verdadeira obsessão pela escrava. Mesmo depois de tudo que passou ela continuou com sua altivez, dignidade, posição esta que acabou gerando ainda mais o ódio dos brancos. As mulheres e as filhas dos senhores de escravos, por inveja da beleza de Anastácia, alimentavam e instigavam os seus maridos e pais no ódio contra a escrava.

Tais abusos culminaram com a obrigação imposta a ela de usar uma máscara de ferro facial, instrumento de tortura que só era retirado na hora da alimentação. Com toda a humilhação, a sua dignidade não foi abalada, suportando esta

máscara por longos anos de vida numa demonstração heróica de resistência à opressão do homem branco sobre os nativos de várias nações africanas que foram retirados de suas terras, humilhados e massacrados.

Anastácia, depois de muitos anos doente e debilitada, foi conduzida para o Rio de Janeiro, onde veio a falecer. Seu corpo foi enterrado na Igreja do Rosário. Mais tarde, o templo foi destruído por um incêndio. Seus restos mortais desapareceram – assim como também alguns documentos sobre ela – fazendo com que a crença popular a tornasse um mito religioso.



Sendo escrava e negra, poucos registros existem sobre esta mulher que se tornou mártir e heroína em muitas regiões do Brasil. Muitas vezes é venerada com santa nos cultos afro-brasileiros. Seu culto teve início em 1968, quando numa exposição da Igreja do Rosário do Rio de Janeiro, em homenagem aos 80 anos da Abolição, foi exposto um desenho de Jacques Étienne Victor Arago, representando uma escrava do século 18, que usava máscara de flandres instrumento de tortura que permitia à pessoa enxergar e respirar, sem contudo, levar alimento à boca.

Uma das lendas em torno de Anastácia diz que ela realmente nunca existiu, atribuindo a criação do mito a esse desenho de Arago, que na verdade representava escravos mineiros que eram obrigados a usar a máscara de ferro para que não ingerissem pepitas de ouro encontradas durante o trabalho na mineração.

Porém, de acordo com a crença popular, Anastácia fez – e continua fazendo – muitos milagres, sendo cultuada no Brasil e na África.

### Bibliografia:

[www.terrabrasileira.net](http://www.terrabrasileira.net)

<http://instituto.princesanastacia.blogspot.com/2007/06/quem-foi-princesa-anastacia/>

Revista Suingando: “ Quem é quem na Negritude brasileira.

Livro de Alfredo Boubos Júnior . “História, sociedade e Cidadania” do 8º ano da editora FTD.

\*Analista de Gestão, Proteção e Restauro da Gerência de Patrimônio Imaterial do Iepha/MG